

Coroas, Toucados e Ceptros na colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa)

José das Candeias Sales¹

Submetido em 06/2016

Aceito em 07/2016

RESUMO:

Segundo a concepção egípcia, as coroas e os toucados apresentavam um imanente e eloquente simbolismo e significado religioso e político. A imagética divina e faraónica fazia delas um elemento central da personalidade divina e real. Também os ceptros reais egípcios identificavam facilmente o detentor do poder político e militar no Egipto antigo. No presente texto, efectuamos o levantamento e tratamento das coroas, dos toucados e dos ceptros existentes nos objectos expostos da colecção egípcia permanente do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa), bem como dos constantes nas reservas.

Palavras-chave: Coroas – Toucados – Ceptros – Museu Calouste Gulbenkian.

ABSTRACT:

According to the Egyptian conception, the crowns and headdresses had an intrinsic and powerful symbolism and a religious and political meaning. The divine and Pharaonic imagery turned them into a core element of the royal and divine personality. The Egyptian royal scepters also made it easy to identify the holder of the political and military power in ancient Egypt. In this paper, we identify and analyze the crowns, headdresses and scepters existent on of the Egyptian collection at the Museu Calouste Gulbenkian (Lisbon), both the ones exhibited and those in the archives.

Keywords: Crowns - Headdresses – Sceptres – Museu Calouste Gulbenkian.

¹ Doutorado em História Antiga – domínio de Egiptologia; Professor Auxiliar com Agregação da Universidade Aberta (Portugal); Investigador Integrado do Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL); Investigador Associado do Centro de História d’Aquém e d’Além Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa; Jose.Sales@uab.pt.

*«Salut à toi, ô toi Oeil d'Horus!
La Grande Blanche, dont la beauté met en jubilation l'Ennéade,
quand elle se lève à l'horizon oriental» (BARUCQ, DAUMAS, 1980, 56).*

*«Tu t'éveilles en paix!
La Grande-magicienne du Nord s'éveille en paix;
Ton réveil est paisible!*

*Tu t'éveilles en paix!
La Reine du Nord s'éveille en paix;
Ton réveil est paisible!*

*Tu t'éveilles en paix!
La Rouge s'éveille en paix;
Ton réveil est paisible!*

*Tu t'éveilles en paix!
La couronne-net s'éveille en paix;
Ton réveil est paisible!» (BARUCQ, DAUMAS, 1980, 57).*

«Tu t'éveilles en paix!

*L'œil d'Horus s'éveille en paix;
La Blanche, la Puissante parmi les dieux, en paix!*

*Tu viens en paix, Dame du sistre-sekhem,
par qui Sobek de Chedit, l'Horus-qui-réside-dans-Chedit, est puissant
l'agressive parmi les dieux
en son nom de pschent.*

(...)

Fais qu'il soit puissant parmi les dieux!» (BARUCQ, DAUMAS, 1980, 64, 65).

Estes hinos dedicados aos diademas reais, quais «hinos matinais» que saúdam o levantamento do Sol, evocam os poderes e simbolismos inerentes às coroas (em egípcio *kbau, ḥꜥw*) usadas por deuses, faraós, rainhas e príncipes, componentes essenciais das suas imagens e dos seus *regalia*. Segundo a concepção egípcia, as coroas eram entidades divinas, sagradas, dotadas de força sobrenatural, mágica e taumaturgia que ligavam os seus portadores à esfera sobre-humana. Por isso, prestava-se-lhes culto e dirigiam-se-lhes hinos de acompanhamento das cerimónias cultuais, com refrões e litanias, como os acima citados.

Repletas de sortilégios, as coroas apresentavam para os egípcios um imanente e eloquente simbolismo e significado religioso e político. A imagética divina e faraónica fazia das coroas um elemento constitutivo da sua personalidade. Infelizmente, nenhuma coroa se conservou até aos nossos dias e os seus verdadeiros tamanhos e materiais permanecem hipotéticos (GOEBS, 2001, 321). O conhecimento que delas temos resulta inteiramente das abundantes representações bidimensionais e tridimensionais da arte egípcia (relevos, pinturas, esculturas).

A coroa branca, chamada em egípcio *hedjet* (*ḥḏt*), era uma oblonga e longa mitra usada, na época pré-dinástica, pelo rei do Sul e fazia também parte dos emblemas usados pela deusa Nekhebet, a deusa protectora do Alto Egito. Podia ser feita de pele ou de tecido (linho) - COLLIER, 1996, 16; WAINWRIGHT, 1923, 26. A coroa vermelha, chamada em egípcio *decheret* (*dšrt*) ou *net* (*nt*), era, em contrapartida, ostentada pelo soberano do Baixo Egito e pela deusa Uadjit, divindade tutelar do Baixo Egito. Admite-se que seria feita de tecido. As deusas Neit e Amonet são também, frequentemente, representadas com esta coroa. A *Paleta de Narmer*, que historiografa a união do Alto e do Baixo Egito sob a égide de Narmer, mostra-nos, no anverso, o faraó coroado com a coroa vermelha e, no reverso, com a coroa branca. A coroa vermelha é frequentemente representada com um complemento, eventualmente metálico, uma espécie de vareta espiralada na ponta, designado *khabet* (*ḥbt*) - COLLIER, 1996, 17.

Quando o faraó usava, isoladamente, a *decheret* ou a *hedjet*, proclamava a sua soberania sobre a respectiva área geográfica que essa coroa identificava. Aquando da unificação do território sob um só rei, por volta de 3000 a.C., a união dos Dois Países foi simbolizada pela união destas duas coroas (a *hedjet* encaixa-se na *decheret*), formando a designada *pschent* (do grego ψχητ), apropriadamente chamada em egípcio, *pa-sekhemeti* (*p3-shmty*), «a poderosa» ou «as (duas) poderosas»². Como defende Collier, «The *ḥḏt*, *dšrt* and *shmty* were the earliest crowns worn by the king over a united Egypt. As such, they signify the beginning of Egypt as a unified whole» (COLLIER, 1996, 26.)³.

A *khabet* está também presente em muitas cenas bidimensionais que representam a dupla coroa. O poder mágico que estava associado a esta coroa, como entidade divina, bem enfatizada no último dos hinos acima indicados, transmitia aos seus portadores uma auréola de sobrenaturalidade, instituindo-os, ao mesmo tempo, em intermediários privilegiados entre os deuses e os homens.

Obviamente, a *pa-sekhemeti* foi uma coroa utilizadíssima pelos faraós egípcios de todas as épocas, como nos atestam vários registos iconográficos. Mas o seu uso estendeu-se também, como no caso das coroas branca e vermelha, ao domínio divino: muitas divindades (masculinas e femininas) do vasto panteão egípcio surgem figuradas com a

² A dupla coroa é também designada pelo termo *ueret hekau* (*wrt HkA.w*), simbolizando, neste caso, o aspecto do poder invisível da coroa, uma dimensão da sua sacralidade/ divindade que era adorado na forma da deusa Ueret-hekau. Teríamos, então, as coroas associadas a três divindades femininas, protectoras do Egito: a *hedjet* associada a Nekhebet, a *decheret* a Uadjit e a *pa-sekhemeti* a Ueret-hekau (COLLIER, 1996, 26, 34, 35).

³ O primeiro faraó a ser representado com a dupla coroa foi Den, quinto rei da I Dinastia (COLLIER, 1996, 26).

pschent, numa clara proclamação da sua universalidade no território egípcio. Um exemplo representativo é o da «Grande Senhora de Icheru», a deusa Mut, em que «a poderosa» se sobrepunha ao toucado em forma de abutre, e outro, talvez dos mais repetidos na iconografia egípcia, é o de Hórus que antropomorfo com cabeça de falcão ou hieracomorfo surge numerosas vezes ostentando a coroa dupla; outro ainda, é o caso do demiurgo e governante cósmico heliopolitano Atum.

Em vida, o faraó era encarado como o «Hórus vivente», reincarnação desse primeiro rei mítico. O faraó era Hórus e vice-versa. As distâncias entre as dimensões física e metafísica anulavam-se na pessoa do rei. No início da época histórica, a identificação era já total. O rei era divino porque descendia de Hórus e porque era Hórus. Além do título *Hor* («Hórus»), que disso guarda memória, também o uso da dupla coroa vermelha e branca era uma forma de proclamar o domínio político e simbólico sobre o Baixo e o Alto Egito.

A coroa *kheprech* (*ḥprš*) era uma espécie de casco, de cor azul, com pequenos círculos dourados pintados ou incisos, feita de pele ou de metal, usada pelo faraó em cerimónias de aparato militar (HARDWICK, 2003, 117, 118). Por ser esculpida e pintada em muitos relevos egípcios, por vezes até em cenas de combate, tem sido erroneamente designada como «coroa de guerra», qual elmo⁴. Ela celebra e simboliza o triunfo sobre os inimigos, mas não se deve, no entanto, sugerir a sua efectiva utilização pelo faraó no campo de batalha em todas as situações. Entende-se que surja iconograficamente no início do Império Novo (a coroa protótipo surge com Ahmés e Amenhotep I, sendo a primeira verdadeira *kheprech* usada por Tutmés I) e que o seu uso tenha sido mais difundido durante esta época (XVIII-XX dinastias), globalmente marcada por uma ideologia marcadamente guerreiro-militarista, embora haja já evidência textual no II Período Intermediário (estela de Karnak de Neferhotep III, da XIII Dinastia) - DAVIES, 1968, 69; COLLIER, 1996, 114, 118. A coroa *kheprech* tornou-se, de facto, uma das mais importantes coroas da XVIII Dinastia (COLLIER, 1996, 118). O seu uso pelo faraó é, porém, bem mais alargado: perante barcas sagradas ou em oferendas rituais a divindades do panteão, por exemplo.

Além das coroas, muitas vezes sob elas, o faraó usava na cabeça o *nemes* (*nms*), porventura a mais conhecida das suas coberturas de cabeça: tratava-se de um toucado de tecido listado que lhe tapava a testa e que caía em simétricas abas arredondas sobre ombros

⁴ Outras designações associadas à coroa *kheprech* são «coroa da coroação» e «coroa de herança» (Cf. Hardwick, 121).

e parte superior do peito. Está atestado desde a III Dinastia, com o faraó Djoser (embora, nessa época, terminasse em abas pontiagudas) e parece ter sido um apanágio simbólico exclusivo do rei egípcio⁵. Quando era representado como esfinge ou como falcão, o faraó usava sempre o *nemes*. Este toucado terminava, nas espáduas dos faraós ou das esfinges, numa espécie de cauda enrolada.

Estreitamente associado ao *nemes* como seu complemento havia o *khat* (*h3t*) ou *afnet* (**fn.t*), também feito de uma peça rectangular de tecido que envolvia os cabelos do seu portador, cujas pontas caíam pelas suas costas (EATON-KRAUSS, 1977, 22, 23; COLLIER, 1996, 69, 79): surge normalmente nos pares de estátuas de madeira reais que guardam as entradas para as câmaras funerárias de vários túmulos reais do Império Novo⁶. Restos de um *khat* foram encontrados na múmia de Tutankhamon, sendo interpretado como símbolo da ideia rejuvenescimento. O *khat* representaria o lado nocturno do ciclo solar, completando dessa forma o simbolismo solar do *nemes* e não era apanágio exclusivo do faraó, estendendo-se também aos personagens divinos. Enquanto divinas carpideiras de Osíris, Ísis e Néftis usam este toucado, bem como Neit e Serket (as quatro deusas protectoras do sarcófago do falecido soberano egípcio) - EATON-KRAUSS, 1977, 30. No Império Novo, a deusa Nut é também representada usando o *khat* em vez da sua cabeleira na decoração de sarcófagos reais (COLLIER, 1996, 84).

A representação mais antiga do *khat* data também do reinado de Djoser (III Dinastia), segundo uns autores, ou de Khufu (IV Dinastia), segundo outros, embora se admita que a cobertura de cabeça do faraó Den (I Dinastia) numa plaquinha de marfim proveniente de Abidos (BM EA 55.586) em que aparece representado na pose de guerreiro vitorioso, de maça piriforme em riste, golpeando um inimigo asiático, também possa ser este toucado (EATON-KRAUSS, 1977, 26; COLLIER, 1996, 79; GOEBS, 2001, 324).

O *nemes* associa o rei com o deus-solar Ré e representa o rei vivo no mundo terreno. Por seu turno, o toucado *khat* está associado a Osíris e à renovação da vida do faraó no Além. O *nemes* apresenta uma simbologia solar; o *khat* é um símbolo ctónico. Os dois toucados estão, portanto, associados com dois aspectos complementares ou opostos da realeza: o rei vivo e o rei morto (COLLIER, 1996, 91- 93).

A serpente protectora dos faraós, a *iaret* (*i3rt*) ou *uraeus* (do grego οὐράϊος), não sendo uma coroa, era um símbolo real que se sobrepunha praticamente a todas as coroas,

⁵ O primeiro *nemes* tradicional, de pontas arredondadas, surge com o faraó Khafré (na sua mais conhecida estátua sentada, de diorite, da sala 42, rés-do-chão, o Museu do Cairo - JE 10062 - CG 14).

⁶ Os casos mais conhecidos destas «sentinelas do túmulo» são os de Tutankhamon, de Horemheb e de Ramsés I (EATON-KRAUSS, 1977, 25).

formando com elas unidades indissolúveis e altamente simbólicas: colocada na testa de faraós — e também de deuses —, só ou acompanhada pela cabeça de abutre, «aquela que se ergue» protegia, com a sua imensa força ígnea, os adversários físicos e sobrenaturais do rei/ da divindade. Mais do que um adorno, a cobra-*uraeus* era um eficaz elemento de propaganda da superioridade existencial de faraós e divindades.

A coroa das duas plumas, *chuti* (*šwty*), composta por um par de penas de avestruz ou de falcão, direitas ou arredondadas, era uma coroa real, atestada desde o reinado de Seneferu, no início da IV dinastia (COLLIER, 1996, 54, 57, 58). Os deuses Andjeti, Tatenen, Hórus, Amon, Min e Montu recorreram também em muitas das suas figurações à *chuti*.

No caso da coroa de Amon, para a qual não há um termo específico⁷, estamos perante um caso único: duas altas plumas, provavelmente de falcão, segmentadas em duas, cada parte com sete subdivisões, cada uma com a sua própria simbologia mágica⁸. A partir do Império Novo, esta coroa surge combinada com os chifres de carneiro, os chifres de vaca, os discos solares e adornada com adicionais *uraei*. Alguns textos sugerem que esta coroa detinha um papel especial nos ritos reais de subida ao trono, completando o papel da *pschent* (GOEBS, 2001, 323).

A coroa *atef* (*ʕtf*), constituída por um feixe de papiros, chamado *muu* (*mww*), em que o topo truncado sustinha um pequeno disco solar, com as suas duas laterais plumas de avestruz (embora devido aos cânones estético-artísticos, surjam, muitas vezes, representadas na parte anterior e posterior da coroa), era usada pelos deuses Osíris, Ré, Hórus, Herichef, Sokar, Tot e Khnum, entre outros⁹. No caso de Khnum, a coroa *atef* encimava uns longos cornos de carneiro ondulados, em espiral, por vezes duplos (da espécie *ovis longipes palaeoaegyptiacus*, extinto no Império Médio, por volta de 2000 a.C.), animal sagrado do deus de Elefantina. O deus Geb, membro da Enéade heliopolitana (terceira geração), usava também uma coroa *atef* colocada sobre uma *decheret*. No domínio real, o mais antigo testemunho iconográfico da utilização da coroa *atef* data da V dinastia, no túmulo de Sahuré, em Abusir (COLLIER, 1996, 38).

A similaridade das formas das coroas *chuti* e *atef* sugerem que estavam também associadas no seu significado, o que não exclui, porém, o significado específico de cada

⁷ Numa cena da cerimónia da coroação de Hatchepsut, uma variante da coroa de Amon é designada como *henu*, *Hnw* (COLLIER, 1996, 98).

⁸ Esta coroa surge também, algumas vezes, ostentada por Min na sua forma sincrética de Min-Amon.

⁹ Sobre as variantes da coroa *atef*, vide COLLIER, 1996, 41, 42. Há que distinguir a *atef* (*muu* com penas laterais) da coroa típica de Osíris (*hedjet* com penas laterais) –COLLIER, 1996, 67.

uma. A associação da coroa *atef* com Osíris e da *chuti* com Hórus significa que ambas as coroas simbolizavam a regeneração/ eternidade da realeza, da mesma forma como Osíris simbolizava o aspecto espiritual do rei falecido e Hórus o aspecto físico do faraó vivo (COLLIER, 1996, 67, 68).

De uso menos habitual pelos faraós, a coroa *hemhemet* (*hmhmt*), «A que ruge», formada por três coroas *atef* justapostas (com um disco solar sobre cada uma, com as penas de avestruz de lado e com, pelos menos dois *uraeus*, por vezes dois pares, pendentes), era a materialização do grito de guerra. Assentava sempre sobre a cornamenta espiralada de carneiro. Embora fosse um desenvolvimento em forma da coroa *atef*, a *hemhemet* não cumpria exactamente a mesma função. Enquanto aquela estava relacionada com a coroação real, por exemplo, esta não.

Os deuses Amon e Horpakhered ou Harpócrates são igualmente, muitas vezes, figurados com a coroa *hemhemet*. Akhenaton foi o primeiro faraó a usá-la, já na XVIII dinastia (COLLIER, 1996, 52). Tornou-se muito comum nas representações da criança real emergindo da flor de lótus, identificando assim o rei com o deus-solar ao amanhecer. O chamado trono de Tutankhamon, hoje no Museu do Cairo, mostra no seu espaldar uma representação do faraó ostentando uma coroa *hemhemet*.

Os deuses, além de todas as coroas atrás mencionadas, podiam ainda usar outras coroas, toucados ou símbolos identificadores: lembremos a pluma simples de Maet e Chu; a dupla pluma *chuti* de Anhur (Onuris), de Sopedu, de Renenutet, de Meretseger e de Sopdit (no caso da coroa desta deusa, ela é também composta por uma pluma menor de avestruz que sai lateralmente do conjunto); as quatro altas plumas de Chu, Anhur e Bes; a duas longas plumas com *uraeus* simples ou duplo e disco solar de Sobek, de Montu e do seu boi Bukhis; o disco solar de Ré e de Ré-Horakhti; o crescente lunar para Tot e Khonsu; os chifres de vaca em torno do disco solar das deusas Ísis, Hathor e Taueret; o toucado em forma de abutre da deusa Mut; o toucado de plumas de Anuket; a coroa branca flanqueada por dois cornos de gazela da deusa Satet; a coroa branca, flanqueada por chifres e encimada por uma estrela de cinco pontas da deusa Sopdet. A esta extensa lista podem ainda juntar-se as divindades que ostentam sobre a cabeça hieróglifos, animais sagrados ou outros símbolos identificadores: Ísis, Nétis, Geb, Serket, Neit, Nut, Sechat, Anhur... (SALES, 1999).

A par das coroas e toucados, também os ceptros e bastões reais egípcios identificavam facilmente o detentor do poder político e militar no Egipto antigo. Usados

nas mãos, como extensões naturais dos membros superiores do rei, os ceptros e bastões de poder e de autoridade eram insígnias memoráveis e comemoráveis da função e da simbologia real. Paralelamente, também os deuses se ornavam com vários ceptros e bastões e daí retiravam, por vezes, a sua idiossincrasia.

O ceptro *uas* (*wʒs*), identificado com um animal totémico (o comprido ceptro terminava, na parte superior, numa longa orelha de uma cabeça animal, muitas vezes identificada com o animal simbólico do deus Set; o outro extremo era bífido, bifurcado), simbolizava a sua autoridade e voz de comando.

O ceptro *hekat* (*hkʒt*), mais pequeno que o anterior, era curvo e arredondado na extremidade superior (espécie de báculo, talvez derivado do antigo cajado do pastor). Como símbolo de governo, era um ceptro também usado pelo deus Osíris. Os faraós usavam-no em vida (na coroação e nas festividades oficiais) e na morte (junto das suas múmias e máscaras funerárias).

O látigo *nekhakha* ou *nekhekhhu* (*nhʒnhʒ*) acompanhava sempre o *hekat*. Era também usado por Osíris, por Andjeti e por Min, expressando a soberania sobre os mortos e sobre o mundo dos mortos (GRAHAM, 2001, 165). O ceptro-pilar *djed* (*ḏd*), vinculado a Osíris, simbolizava a longa duração e estabilidade do poder.

O ceptro *sekhem* (*sh̄m*), «o poderoso», também chamado *aba* (*ʿbʒ*) ou *kherep* (*hrp*), era uma insígnia de autoridade. O faraó usava-o quando pretendia demonstrar a sua superioridade sobre inimigos e adversários. Também o ceptro *ames* (*ʒms*), um bastão com um flagelo saindo lateralmente, expressava a mesma ideia de autoridade.

As maças cerimoniais *hedj* (*hd̄*), piriforme, e *menu* (*mnw*), em forma de taça, armas pré-históricas que o faraó fazia questão de ostentar quando golpeava inimigos, proclamavam a mesma mensagem. De igual modo, os machados de guerra *akhu* (*ʒkhw*), *mineb* (*minb*) e a cimitarra curva *khepech* (*hpʒ*) — a partir do Império Novo, vemos Amon, Ré-Horakhti e Montu a oferecê-la ao faraó — eram armas-ceptros com as quais o faraó decapitava os seus inimigos, quais emblemas de invencibilidade, de vitória, de poderio guerreiro. Era muito frequente nas esculturas os faraós segurarem numa das mãos objectos cilíndricos, interpretados como selos ou papiros, que, como marcas de autenticação/ de sabedoria, eram símbolo de autoridade e prestígio.

Enquanto o ceptro *uas* era o ceptro característico das divindades masculinas, as deusas usavam, na maioria das vezes, um alongado caule de papiro (*cyperus papyrus*), que terminava numa umbela de papiro, o ceptro *uadj* (*wʒḏ*), que significa «verdura, rejuvenescimento, vigor» e que, assim, simbolizava a eterna juventude que os egípcios

gostavam de ver associados às mulheres e às deusas. Era, por isso, um ceptro feminino, do feminino. Em relação às divindades masculinas (ex.: Ptah) é também frequente ver representações iconográficas em que surgem segurando um ceptro compósito em que estão reunidos os símbolos *uas* («omnipotência»), *djed* («estabilidade») e *ankh* («vida»).

Colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian - Lisboa

Servem as considerações anteriores como enquadramento genérico para a análise específica que propomos neste texto: o levantamento e tratamento dos toucados, das coroas e dos ceptros existentes nos objectos expostos da colecção egípcia permanente do Museu Calouste Gulbenkian – Lisboa, bem como dos constantes nas reservas.

Desde logo, é preciso mencionar que a colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian é composta por 54 peças: 40 expostas e 14 conservadas nas reservas. Como escreve João Castel-Branco Pereira, Director do Museu, na abertura do catálogo relativo à arte egípcia, editado em 2006, a propósito da importância deste núcleo no âmbito das colecções do Museu, «O núcleo de Arte Egípcia é o mais pequeno mas tem sido reconhecido pelos especialistas de várias gerações como um dos mais importantes da Colecção — pela raridade e excepcional qualidade das peças, a sua variedade formal e iconológica e a clara estrutura cronológica —, permitindo um contacto com monumentos de um extenso ciclo histórico entre o Império Antigo e a presença de Roma.» (ARAÚJO, 2006, 9).

Das 54 peças reunidas no Catálogo de 2006, 12 apresentam relação directa com o nosso tema (10 das peças expostas e 2 das reservas)¹⁰. Vejamos, de forma detalhada e comentada, essas peças.

A mais antiga das peças que integra este *corpus* é a *Cabeça do rei Senuseret III* (**Fig. 1** - Cat. nº 4/ Inv. nº 138). Trata-se de uma magnífica cabeça fragmentada em obsidiana do faraó Senuseret III (XII Dinastia), com 12 cm de altura. O faraó usa o toucado *nemsit* (*nemes*), onde se notam as listras incisadas do mesmo, tendo à frente a serpente sagrada *iaret* (*uareus*), já sem cabeça, que desliza desde o cimo do toucado (ARAÚJO, 2006, 66-68).

¹⁰ Ver «Quadro de Síntese» no final deste texto.



Fig. 1. Cabeça do rei Senuseret III¹¹

Datada do Império Novo (XVIII Dinastia), a *Cabeça do rei Amenhotep III* (- **Fig. 2** Cat. nº 7/ Inv. nº 139), é uma pequena cabeça em pasta de vidro azul, com 3,7 cm de altura, do faraó Amenhotep III, na fase da sua adolescência, que exibe a coroa *kheprech* com decoração de pequenos círculos incisos. À frente têm três orifícios para a colocação da serpente sagrada *iaret* (*uraeus*), provavelmente de ouro, hoje desaparecida, que vinha deslizando desde cima (ARAÚJO, 2006,74-75)¹².



Fig. 2. Cabeça do rei Amenhotep III

Também datada do Império Novo, provavelmente da XVIII Dinastia ou início da XIX Dinastia, a peça do Cat. nº 8/ Inv. nº 48 (**Fig. 3**) é designada *Cabeça de faraó*, em pasta de vidro azul e faiança esmaltada, com 7 cm de altura. Esta cabeça exibe a coroa *kheprech*, feita de pasta de vidro azul, com um minucioso pontilhado inciso sugerindo os círculos típicos da coroa, na dianteira da qual surge um orifício onde se encaixaria a serpente sagrada *iaret* (*uraeus*), provavelmente de ouro (ARAÚJO, 2006, 76, 77).



¹¹ Todas as Figuras aqui usadas têm ©Fundação Calouste Gulbenkian.

¹² Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=163>

Fig. 3. Cabeça de faraó

A *Estela do escriba Iri* (**Fig. 4** - Cat. nº 10/ Inv. nº 160) é uma estela de calcário, policromo, com 29 cm de altura e 21,6 de largura, datada da XVIII Dinastia, que se desenvolve em dois registros. No registro superior, surge um santuário (*kari*) onde estão sentados, voltados à direita, em seus tronos, o rei Ahmés (fundador da XVIII Dinastia) e a rainha Ahmés-Nefertari. O faraó exibe a coroa *kheprech* com *uraeus*, segurando na mão direita o símbolo *ankh* e na esquerda um ceptro real *hekat*. A rainha, por seu turno, apresenta-se com uma coroa *chuti*, de compridas penas, sobreposta ao toucado em forma de abutre, típico das rainhas e deusas-mãe egípcias¹³. No registro inferior, o escriba Iri, com o crânio rapado, ajoelhado e as mãos em pose de adoração, faz uma prece, a qual aparece inscrita em hieróglifos à sua frente (ARAÚJO, 2006, 80-83)¹⁴.



Fig. 4. Estela do escriba Iri

Datada da XXVI Dinastia, a peça designada como *Estatueta do deus Osíris* (**Fig. 5** - Cat. nº 26/ Inv. nº 404) é uma estatueta de xisto, com 32,5 cm de altura, do deus egípcio dos mortos, com decoração de ouro. Osíris surge representado mumiforme, com as mãos visíveis irrompendo do sudário segurando os ceptros reais *hekat* (na mão esquerda) e *nekhakha* (na mão direita). Ostenta a sua coroa típica (coroa branca *hedjet* com duas altas plumas laterais), rematada à frente pela serpente sagrada *iraret* (*uraeus*) - ARAÚJO, 2006, 114,115.

¹³ Era o grifo ou abutre fusco (*Gyps fulvus*) a espécie particular do animal (penugem castanho-amarelada, com cerca de 1,2 m de comprimento e uma envergadura das asas de cerca de 2,7 m) que usualmente era vinculado às deusas e à realeza. É esta ave que aparece associada nos toucados a divindades como, por exemplo, Nekhebet, Mut, Ísis, Hathor ou Satet, ou a rainhas como Iput I, Hatchepsut, Tié e Nefertari.

¹⁴ Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=166>

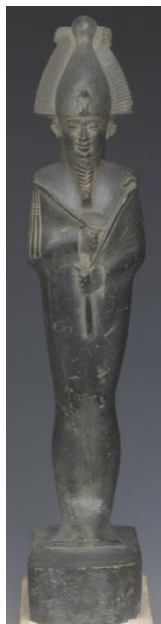


Fig. 5. *Estatueta do deus Osíris*

A *Barca solar de Djedhor* (**Fig. 6** - Cat. nº 33/ Inv. nº 168) é uma insígnia processional em bronze, da Época Baixa, com 31,3 cm de altura e 26,3 cm de comprimento, dedicada a Djedhor, que representa uma antiga barca do Nilo, onde se podem ver pequenas estatuetas de várias divindades: ladeando a entrada da cabine central, em forma de santuário, Ísis (com os chifres de vaca em torno do disco solar sobre a cabeça e com uma pequena *uraeus* na frente) e Néftis (com os hieróglifos do seu nome sobre a cabeça e também com uma pequena *uareus* na frente); Hórus, em forma de falcão coroado com a *pa-sekhemeti* (pousado sobre o santuário); Ré-Horakhti de pé (no interior) e Sobek, em forma de crocodilo (suportando a barca), além de uma esfinge real, erguida, na parte dianteira da embarcação e de um timoneiro na popa (o defunto).

Na parte superior da cabine, em trabalho aberto, com incisões que recortam as paredes, voltam a aparecer, de um lado e do outro, as deusas Ísis e Néftis, de asas abertas em torno de um tufo central de vegetação estilizada, com as mesmas insígnias sobre a cabeça.

Incisas na parte inferior das paredes laterais externas da cabine central, além de inscrições (como no casco da embarcação), há representações dos deuses Ré-Horakhti (no lado direito) e Atum (no lado esquerdo), entronizados, recebendo actos de adoração do defunto Djedhor. Ambos seguram compridos ceptros *uas* (Ré-Horakhti na mão esquerda e Atum na mão direita) e signos-*ankh* (Ré-Horakhti na mão direita e Atum na mão esquerda). A representação incisa de Ré-Horakhti apresenta a serpente sagrada *uraeus* em torno do disco solar. Atum, por sua vez, usa a coroa *pa-sekhemeti*.

Também a estatueta de Ré-Horakhti, em representação bimórfica (corpo humano com cabeça de falcão), no interior do santuário, apresenta um generoso disco solar sobre a cabeça, de onde emerge uma serpente sagrada *uraeus*.

A esfinge real em pose erguida na parte dianteira da barca está coroada com duas altas plumas, cornamenta de carneiro e uma serpente sagrada, usando também uma pêra divina (ARAÚJO, 2006, 132-135)¹⁵.



Fig. 6. Barca solar de Djedhor

A estátua de basalto não polido, com 54 cm de altura, datada do início da dinastia ptolomaica, designada *Estátua de Djedhor* (**Fig. 7** - Cat. nº 34/ Inv. nº 403) que representa Djedhor (homónimo do da peça anterior), ajoelhado, com a típica cabeleira em saco, exibindo um pequeno santuário com uma imagem do deus Osíris, em pose mumiforme, com coroa *hedjet* com altas plumas laterais e mãos sobrepostas, segurando os ceptros *hekat* e *nekhakha*. O pilar dorsal desta estátua naófora apresenta uma inscrição hieroglífica que continua pelas duas linhas inscritas na base, onde surgem o nome e títulos de Djedhor e os nomes e títulos dos seus familiares (ARAÚJO, 2006, 136-139).

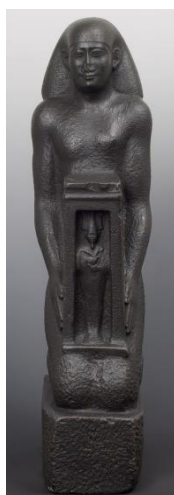


Fig. 7. Estátua de Djedhor

¹⁵ Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=51>

O *Modelo de Esfinge* (**Fig. 8** - Cat. nº 35/ Inv. nº 401) é uma pequena estátua de calcário, com 14 cm de altura e 27 cm de comprimento, datada do início da dinastia ptolomaica, que representa um leão com cabeça humana, uma das formas típicas de apresentação de uma esfinge (esfinge antropocéfala). Trata-se de um modelo de escultor aparentemente inacabado que apresenta uma serpente sagrada (hoje fracturada) que deslizava do alto do toucado *nemes*, liso, sem qualquer marca de listras, e irrompia na frente (ARAÚJO, 2006, 140, 141).



Fig. 8. *Modelo de Esfinge*

A peça identificada como Cat. nº 36/ Inv. nº 167 (**Fig. 9**), designada *Baixo-relevo de um faraó*, é uma placa de calcário fino e em relevo acentuado, com 24 cm de altura e 18 cm de largura, datada do início da dinastia ptolomaica, representando a cabeça de um faraó. Esta peça parece ter sido o estudo para a elaboração de um retrato.

A cabeça está de perfil, coberta pela coroa *kheprech*, preenchida com pequenos e delicados círculos e adornada pela serpente sagrada *uraeus* que vem deslizando pela parte frontal da coroa e pelo falcão hórico, de asas abertas com um disco solar sobre a cabeça e o signo *chen* nas garras, na parte de trás da coroa. A serpente sagrada tem decoração em relevo no pescoço tumefacto, mostrando escamas dilatadas, com um olho redondo ocupando a maior parte da cabeça (ARAÚJO, 2006, 142, 143)¹⁶.



Fig. 9. *Baixo-relevo de um faraó*

¹⁶ Vide <http://museu.gulbenkian.pt/Museu/pt/Colecao/Antiguidade/ArteEgipcia/Obra?a=52>

A *Estatueta do deus Harpócrates* (**Fig. 10** - Cat. n° 37/ Inv. n° 161) é a última das 10 peças expostas no núcleo egípcio. Datada do início da dinastia ptolomaica, esta pequena figura de prata (alt.: 8,5 cm) é um amuleto que representa Horpakhered ou Harpócrates coroado com a dupla coroa, com os símbolos da infância: nudez, dedo indicador da mão direita na boca e trança de cabelo pendente, em remate espiralado, caída sobre o ombro direito, a sair da base da coroa. A *pa-sekhemeti* tem a serpente sagrada frontal, hoje muito erodida (ARAÚJO, 2006, 144, 145).



Fig. 10. *Estatueta do deus Harpócrates*

As duas peças das reservas são a *Estatueta do deus Osíris* (**Fig. 11** - Cat. n° 51/ Inv. n° 1050) e a *Estatueta do deus Harpócrates* (**Fig. 12** - Cat. n° 52/ Inv. n° 1047). Ambas são de bronze e datadas da Época Baixa. A primeira tem 15,6 cm de altura e 4,2 cm de largura e a segunda 11 cm de altura e 2,8 cm de largura. O deus dos mortos segura nas mãos ceptros *hekat* e *nekhakha* e ostenta a barba postiça e a coroa *hedjet* com uma pluma de cada lado, onde figura a serpente sagrada *iaret* (*uraeus*) - ARAÚJO, 2006, 164. O Hórus criança (em egípcio Horpakhered,) está nu, com o dedo indicador da mão direita na boca e ostenta a coroa dupla do Alto e do Baixo Egípto, de onde sai a trança de cabelo espiralada que cai sobre o ombro direito (ARAÚJO, 2006, 165).



Figs. 11 e 12. *Estatueta do deus Osíris e Estatueta do deus Harpócrates*

Conclusões

A primeira grande conclusão, geral, que podemos retirar do levantamento e análise dos toucados, coroas e ceptros presentes no núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian é que há toucados e coroas usadas por faraós e deuses. Confirmando, assim, a importância e partilha destas insígnias por faraós e por deuses temos 8 testemunhos relacionados com a realeza (Cat. nº 4, 7, 8, 10 – 2 casos, 33, 35 e 36) e 15 com as divindades (Cat. nº 26, 33 – 10 casos, 34, 37, 51 e 52).

No caso dos deuses que ostentam coroas estão representados Osíris (3 vezes: Cat. nº 26, 34, 51), Hórus zoomorfo, como falcão (Cat. nº 33), Horpakhered/ Harpócrates (2 vezes: Cat. nº 37 e 52) e Atum (Cat. nº 33). São todas, portanto, divindades masculinas. O deus Ré-Horakhti (Cat. nº 33 – 2 vezes) e as deusas Ísis e Néftis (Cat. nº 33 – 3 vezes cada) não ostentam propriamente coroas, mas sim insígnias sobre as cabeças (disco solar entre chifres de vaca liriformes e hieróglifos, no caso das deusas, e disco solar com *uraeus*, no caso do deus).

Em termos concretos, as coroas que estas divindades do núcleo egípcio ostentam são a *pa-sekhemeti*, que surge 4 vezes (Cat. nº 33 – 2 vezes; 37 e 52), sendo uma delas acompanhada da serpente sagrada *uraeus* (Cat. nº 37), ao passo que as restantes não apresentam esse adereço complementar, e a coroa de Osíris (*hedjet* com penas laterais) que surge 3 vezes (Cat. nº 26, 34 e 51), duas delas com a serpente sagrada *uraeus* (Cat. nº 26 e 51) e a outra singela. No caso das representações em estátua (interior do santuário da barca) e incisa (registro inferior da parede exterior esquerda do santuário) de Ré-Horakhti (Cat. nº 33), a serpente sagrada *uraeus* surge, em ambos os casos, como é habitual nesta divindade, conjugada com o disco solar que lhe encima a cabeça. Devido às características da dimensionalidade das duas representações em causa, num caso a serpente sagrada surge

em torno do disco solar (representação bidimensional) e no outro emergindo do disco solar (representação tridimensional).

Também no caso das coroas usadas por faraós/ por rainhas a variedade não é muito significativa: toucado *nemes*, com ou sem listras (Cat. nº 4 e 35), coroa *kheprech* com círculos incisos (Cat. nº 7, 8, 10, 36), altas plumas sobre cornamenta de carneiro (Cat. nº 33) e coroa *chuti* (Cat. nº 10). A serpente protectora dos faraós, a *iaret* ou *uraeus*, forma uma unidade simbólica, ainda hoje, em 3 casos (Cat. nº 4, 10, 36), embora tenha sido originalmente parte integrante de outros 3 casos (Cat. nº 7, 8 e 35) mas que hoje já não apresentam a serpente ou a apresentam fracturada ou erodida, dois deles em associação com a *kheprech* (Cat. nº 7 e 8) e o outro com o *nemes* (Cat. nº 35). Pela dimensão das peças, é na *Cabeça do rei Senuseret III* (Cat. nº 4/ Inv. nº 138) e no *Baixo-relevo de um faraó* (Cat. nº 36/ Inv. nº 167) que melhor se percebe a posição defensiva, de pescoço inchado, da cobra sagrada.

Embora de reduzidas dimensões, a serpente sagrada adorna também as frontes divinas de Ísis e de Néftis nas duas representações tridimensionais destas deusas na barca de Djedhor (Cat. Nº 33). A cobra-*uraeus* como eficaz elemento de propaganda da superioridade real surge também, em dimensões muito reduzidas, na frente da esfinge real da dianteira da barca de Djedhor (Cat. nº 33).

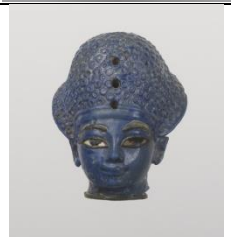
Quanto aos ceptros, reais ou divinos, a colecção egípcia do Museu Calouste Gulbenkian apresenta apenas 6 casos. Só um deles envolve um faraó: no registo superior da *Estela do escriba Iri* (cat. nº 10/ Inv. nº 160), o entronizado Ahmés segura na mão direita o símbolo *ankh* e na esquerda o ceptro *hekat*. Os restantes testemunhos (Cat. nº 26, 33 – 2 casos, 34 e 51) são todos referentes a ceptros usados por divindades masculinas do panteão egípcio. As representações incisas da parte inferior das paredes laterais exteriores da cabine central da barca de Djedhor (Cat. nº 33/ Inv. nº 168) figuram Ré-Horakhti e Atum segurando compridos ceptros *uas* (Ré-Horakhti na mão esquerda e Atum na mão direita) e signos-*ankh* (Ré-Horakhti na mão direita e Atum na mão esquerda). Os restantes 3 casos (Cat. nº 26, 34 e 51) referem-se todos ao deus Osíris que, mumiforme, surge representado com as mãos visíveis irrompendo do sudário segurando os ceptros *hekat* e *nekhakha* nas suas posições relativas típicas: o primeiro na mão esquerda e o segundo na mão direita. As três estátuas de Osíris ostentam também a característica barba postiça.

Embora pequeno em número, o núcleo de arte egípcia do Museu Calouste Gulbenkian de Lisboa é reconhecidamente excepcional pela qualidade das suas peças e no

que ao tema das insígnias de poder reais e divinas diz respeito congrega alguns exemplos dignos de registo.

QUADRO DE SÍNTESE:
TOUCADOS, COROAS E CEPTROS NA COLECÇÃO EGÍPCIA
DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – LISBOA

(Figuras: ©Fundação Calouste Gulbenkian)

Nº DE CATÁLOGO E DE INVENTÁRIO/ DESIGNAÇÃO DA PEÇA	FIGURA	TIPO DE INSÍGNIA E TIPO DE PORTADOR
Cat. 4/ Inv. 138 <i>Cabeça do rei Senuseret III</i>		Tocado <i>nemes</i> com <i>uraeus</i> Faraó
Cat. 7/ Inv. 139 <i>Cabeça do rei Amenhotep III</i>		<i>Coroa kheprech</i> originalmente com <i>uraeus</i> Faraó
Cat. 8/ Inv. 48 <i>Cabeça de faraó</i>		<i>Coroa kheprech</i> originalmente com <i>uraeus</i> Faraó
Cat. 10/ Inv. 160 <i>Estela do escriba Iri</i>		O faraó Ahmés, entronizado, ostenta a coroa <i>kheprech</i> com <i>uraeus</i> e segura na mão direita o símbolo <i>ankh</i> e na esquerda o cetro <i>hekat</i> . A rainha Ahmés-Nefertari apresenta-se com uma coroa <i>chuti</i> , de compridas penas, sobreposta ao toucado-abutre. Faraó Rainha

Cat. 26/ Inv. 404 <i>Estatueta do deus Osíris</i>		Deus Osíris, mumiforme, com coroa com <i>uraeus</i>, barba postiça e com as mãos visíveis irrompendo do sudário segurando os ceptros <i>hekat</i> e <i>nekhakha</i>. Deus
Cat. 33/ Inv. 168 <i>Barca solar de Djedhor</i>		As representações incisas da parte inferior das paredes laterais exteriores da cabine central da barca de Djedhor figuram Ré-Horakhti e Atum segurando compridos ceptros <i>uas</i> e signos-<i>ankh</i>. Atum ostenta a coroa <i>pa-sekhemeti</i> e Ré-Horakhti está representado com o disco solar rodeado por uma <i>uraeus</i>. Hórus, em forma de falcão coroado com a <i>pa-sekhemeti</i> (pousado sobre o santuário) Ladeando a entrada da cabine central, em forma de santuário, há duas deusas: Ísis, com os chifres de vaca em torno do disco solar sobre a cabeça, e Néftis, com os hieróglifos do seu nome sobre a cabeça, ambas com a <i>uraeus</i> nas frentes. Na parte superior da cabine, em trabalho aberto, surgem também representadas, de um lado e do outro, as deusas Ísis e Néftis, de asas abertas em torno de um tufo central de vegetação, com as mesmas insígnias sobre a cabeça. A esfinge real em pose erguida na parte dianteira da barca está coroada com duas altas plumas, cornamenta de carneiro e uma serpente sagrada, usando também uma pêra divina. Estatueta de Ré-Horakhti no interior do santuário, em representação híbrida (cabeça de falcão em corpo humano) com disco solar com <i>uraeus</i>. Esfinge real Deuses

Cat. 34/ Inv. 403 <i>Estatua de Djedhor</i>		Deus Osíris, mumiforme, com coroa, barba postiça e com as mãos visíveis irrompendo do sudário segurando os ceptros <i>hekat</i> e <i>nekhakha</i> . Deus
Cat. 35/ Inv. 401 <i>Modelo de Esfinge</i>		Tocado <i>nemes</i> Originalmente com <i>uraeus</i> Esfinge real
Cat. 36/ Inv. 167 <i>Baixo-relevo de um faraó</i>		Coroa <i>kheprech</i> com <i>uraeus</i> Faraó
Cat. 37/ Inv. 161 <i>Estatueta do deus Harpócrates</i>		Coroa <i>pa-sekhemeti</i> com <i>uraeus</i> Deus
Cat. 51/ Inv. 1050 <i>Estatueta do deus Osíris</i> RESERVAS		Deus Osíris, mumiforme, com coroa com <i>uraeus</i>, barba postiça e com as mãos visíveis irrompendo do sudário segurando os ceptros <i>hekat</i> e <i>nekhakha</i> Deus

Cat. 52/ Inv. 1047 <i>Estatueta do deus Harpócrates</i> RESERVAS		Coroa <i>pa-sekhemeti</i> Deus
---	---	--

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, L. M. de. *Da teoria à prática: o exercício do poder real no Egito faraônico*. Clio 5, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 33-57.
- _____. *Arte Egípcia. Coleção Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- _____. *Egyptian art. Calouste Gulbenkian Collection*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- ASSAM, M. H. *Arte Egípcia*. Lisboa: Museu Calouste Gulbenkian, 1991.
- BAINES, J.; MÁLEK, J. *Atlas of Ancient Egypt*. Oxford: Phaidon Press Ltd, 1984.
- BARUCQ, A. ; DAUMAS, F. *Hymnes et prières de l’Égypte ancienne*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1980.
- BENSON, D. S. *Ancient Egypt’s Warfare*. Ohio: Bookmasters, 1995.
- BERLANT, S. R. *The entheomycological origin of Egyptian crowns and the esoteric underpinnings of Egyptian religion*. Journal of Ethnopharmacology 102. 2005, pp.275–288.
- BONHÊME, M.–A. *Kingship*. In Redford D. B. The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, vol. 2. Oxford, 2001, pp. 238-245.
- BONHÊME, M.-A.; Forgeau, A. *Pharaon. Les secrets du pouvoir*. Paris: Arman Colin, 1998.
- BUNSON, M., *Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Facts on file, 2002.
- CARREIRA, J. N. *Legitimação do poder no Egito faraônico*. Clio 5, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001, pp. 19-33.
- CLAYTON, P. *Chronique des pharaons. L’histoire règne par règne des souverains et des dynasties de l’Égypte ancienne*. Paris: Casterman, 1995.
- COLLIER, S. *The crowns of the Pharaoh: their development and significance in ancient Egyptian kingship*. Ph.D. Dissertation. U.C.L.A, 1996.
- DAVIES, W.V. *Origins of the blue crown*. Journal of Egyptian Archaeology 68, 1982, pp. 68-76.
- DERCHAIN, P. *Le rôle du roi d’Égypte dans le maintien de l’ordre cosmique*. In Le Pouvoir et le Sacré. Bruxelles : Université Libre de Bruxelles, 1962, pp. 61-73.
- HORNUNG, E. *Le pharaon*. In DONADONI, S. O Homem Egípcio. Lisboa: Editorial Presença, 1992, pp. 237-262.
- EATON-KRAUSS, M. *The khat headdress to the End of the Amarna period*. Studien zur Altägyptischen Kultur 5, 1977, pp. 21-39.
- ERTMAN, E. *The cap crown of Nefertiti*. Journal of the American Research Center in Egypt 13, 1976, pp. 63-66.
- GOEBS, K. *Some Cosmic aspects of the royal crowns*. In Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists, Cambridge, 3-9 September 1995. Louvain. 1998, pp. 447-460.
- _____. *Crowns* In Redford D. B. The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, vol. 1. Oxford, 2001, pp. 321-326.
- GRAHAM, G. *Insignias* In Redford D. B. The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt, vol. 2. Oxford, 2001, pp. 163-167.

- HALL, E. S. *The pharaoh smites his enemies, A comparative study*. Munique-Berlim: Deutscher Kunstverlag, 1986.
- HARDWICK, T. *The Iconography of the Blue Crown in the New Kingdom*. The Journal of Egyptian Archaeology, 89, 2003, pp. 117-141.
- KAPLONY, P. *Zepter*. LA VI, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1986, col. 1373-1389.
- KOENIG, Y. *Pschent*. Dictionnaire de l'Égypte ancienne. Paris: Encyclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998, p. 313.
- MALEK, J. *Egyptian Art*. Londres: Phaidon Press Limited, 1999.
- MCDERMOTT, B. *Warfare in Ancient Egypt*. Gloucestershire: Sutton Publishing Ltd., 2004.
- NARDO, D. *The history of weapons and warfare. Ancient Egypt*. San Diego: Lucent Books, 2002.
- POSENER, G. *De la divinité du pharaon*. Paris: Cahiers de la Société Asiatique 15, 1960.
- RACHET, G. Couronnes. *Dictionnaire de l'Égypte ancienne*. Paris: Éditions du Félin, 1987, p. 81.
- SALEH, M.; Sourouzian, H. *The Egyptian Museum of Cairo. Official Catalogue*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1987.
- SALES, J. das C. *A ideologia real académica e egípcia. Representações do poder político pré-clássico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- _____. *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egito antigo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.
- _____. Coroas. In ARAÚJO, L. M. de, *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001 a, pp. 241, 242.
- _____. Faraó. In ARAÚJO, L. M. de, *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001b, pp. 364-368.
- _____. *As fórmulas protocolares egípcias ou formas e possibilidades do discurso de legitimação no antigo Egito*. Cadmo 16, 2007, pp. 101-124.
- _____. *Poder e Iconografia no antigo Egito*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- SAUNERON, S. Couronnes. In POSENER, G. *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*. Paris: Ed. Fernand Hazan, 1970, p. 70.
- SHAW, I. *Egyptian warfare and weapons*. Buckinghamshire: Shire Publications Ltd., 1991.
- TAVARES, A. A. *Legitimação do poder político na Antiguidade*. Discursos. Língua, Cultura e Sociedade, II Série, nº 2. Poder e Política, Lisboa, Universidade Aberta, 2000, pp. 33-43.
- VASSILIKA, E. *Ptolemaic Philae*. Leuven: Uitgeverij Peeters, 1989.
- VERCOUTER, J. *Pharaon*. Dictionnaire de l'Égypte ancienne. Paris: Encyclopædia Universalis/ Albin Michel, 1998.
- VERNUS, P. *Le concept de monarchie dans l'Égypte ancienne*. In LADURIE, E. L. Les monarchies. Paris ; Presses Universitaires de France, 1986, pp. 29-42.
- WAINWRIGHT, G.A. *The Red Crown in early prehistoric times*. Journal of Egyptian Archaeology 9, 1923, pp. 26-33.
- WILKINSON, R. *Symbol and Magic in Egyptian Art*. London: Thames & Hudson, 1999.